

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 21 DE MAIO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 125

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	Galeria do Elogio Mutuo—
XIV—Lucio de Mendonça.....	R. CORREA.
Historia dos sete dias.....	FILINTO.
Flor de roman, soneto.....	H. DE MAGALHÃES.
G. Dias e C. Alves.....	F. A.
Juncto dos tens, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Discurso de Alex. Dumms filho.....	CARLOS LUIZ.
Soneto.....	E. FREIRE.
«Lyrica» de Filinto d'Almeida.....	A. PUJOL.
A confissão de um deos.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	PONSARNIN.
Theatros.....	E. M. DE VOGUE.
A Villa Alegre.....	ENRICO.
O conde Lido Tolstoi.....	L. M. BASTOS.
Correio.....	FR. ANTONIO.
Sport.....	
Traction á bola.....	
Annuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CORTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

No escriptorio d'esta folha compram-se, a 500 réis, exemplares dos ns. 56, 57 e 64 *A Semana*.

Achando-se promptos os indices das materias contidas no 2º volume (anno de 1886) d'*A Semana*, rogamos aos nossos assignantes que os desejarem o favor do os mandarem reclamar no nosso escriptorio.

## A SEMANA

Por nos ter sido entregue demasiado tarde para ser inserida neste numero, só o poderá ser no seguinte a *Gazetinha Medica* do poseo illustrado collaborador Dr. Salen, a qual se occupa com o diagnostico e operação do abcesso de figado ultimamente feita pelos Drs. Pedro Afonso e Barbosa Romou e com a apreciação de alguns trabalhos medicos recentemente publicados.

A REDACÇÃO.

## GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XIV

LUCIO DE MENDONÇA



Quando, em 1878, cheguei á bella e saudosa Paulicéa, estavam ali na plena efflorescencia do seu talento Affonso Celso Junior, Theophilo Dias, Magalhães Castro, Valentim Magalhães, Assis Brazil, Augusto de Lima e outros. Lucio de Mendonça já lá não estava, que se havia formado a 27 de Novembro do anno anterior.

Não restavam d'elle senão recordações as mais vivas e o rastro coruscante da sua passagem. Lembravam-se todos ainda da revolução academica de 1872; e as janellas do antigo convento de S. Francisco, com os caixilhos esbandalhados, ainda accusavam mudamente os revoltosos que tinham tido o capricho audaz de lhes bordar os vidros a pedradas.

Lucio fizera parte, fora um dos chefes até, d'aquelle motim, e lhe custara isso uma gravissima injustiça, que não vale a peun lembrar aqui.

Tinha sido um rebelde, um exaltado, affirmavam muitos; pertencer a ao «Club Republicano» na sua epoca de mais febril agitação. A elle e a mais cinco demagogos, distinctos companheiros seus, é que Ezequiel Freire enviára, capeando os quatro reis de um barallio de cartas, o conhecido e chistoso soneto *Comedores de Reis*, onde lhes dizia:

« Sois uns Trimalcyões de estomagos perversos,  
« Que ingeris ao almoço um Rei, outro ao jantar!

O que eu sei, porem, em que péze a dura e descommunal austeridade dos lentes da Academia, é que estes tiveram de aproval-o tres vezes com distincção em annos consecutivos, caso

pelo menos rarissimo, se não virgem até então.

Por isso é que todos, amigos ou adversarios, eram concordes n'um ponto:—em que, entre os mais distinctos estudantes, a primazia era d'elle, do Lucio, e ninguém ousava disputal-a.

Nenhum expriniria esse facto melhor do que o fez, mais tarde e em poucas palavras, Assis Brazil, valente escriptor rio-grandense, affim com elles nas ideas e nos sentimentos:

« No seu tempo havia uma questão de que ninguém se occupava: a de saber quem era aqui o primeiro. Todos sabiam que era Lucio de Mendonça.» (1)

Deixado os baacos academicos, não seria possivel a Lucio de Mendonça contentar-se com estar apto para as lides infecundas da advocacia e com ser um bacharel como todo o mundo; e, pois, fóra, tem continuado até o presente a sua faina sagrada.

Passando-se para a provincia de Minas, na Campanha levantou as suas tendas, e ali, durante seis annos, redigiu brilhantemente o *Colombo*, jornal cuja notoriedade chegou até ao recinto do senado, onde, a proposito de um facto politico de alta importancia, foram citadas por Christiano Ottomni suas opinioes.

No *Colombo* publicou elle em folhetins,

(1) *Bohemio*, jornal illustrado, de S. Paulo, redigido por Valentim Magalhães, Ezequiel Freire e Raymundo Correa— n. 11—1881.

reunindo-o mais tarde em volume, o seu notavel romance *O marido da Adultera*, cujo thema encerra questões de subido interesse social.

Não ha força, não ha energia que se equipare com a de um espirito sinceramente convencido. Por esse motivo é que Lucio, não obstante todos os contratempos da fortuna, nunca deixou de persistir firme no seu velho posto e cheio das mesmas aspirações patrióticas, que bebiera de mistura com o primeiro leite da instrução.

Nunca mais abandonará elle, em momento sequer, essas peregrinas consocias de suas antigas expansões patrióticas; ao contrario, de anno em anno, verá dilatar-se mais o espaço em torno d'ellas e mais rasgarem-se os seus horizontes.

E a prova de que a mesma fagulha revolucionaria ainda lhe continua a arder na alma, está no seguinte: ha um anno apenas fixou elle a sua nova residencia na cidade de Valença; e já ali, desde o dia 7 de Abril ultimo, existe, solidamente fundado, um club republicano, cujo solemne manifesto foi transcripto em quasi toda a imprensa fluminense.

Lucio de Mendonça é jornalista, critico, romancista, poeta.

Confesso antecipadamente que não poderei deixar de ser por demais deficiente ao abranger em largos traços toda a vida litteraria d'este escriptor, desde o seu inicio.

Antes de tudo:— não sei como em um simples charadista se possa verificar com exactidão o velho adagio, *Ex ungue leonem*. Pois, Lucio não começou a versificar de outro modo, senão fazendo charadas.

Mas se até ali ninguém tinha visto ainda a garra do leão, este não tardou em mostral-a, aguda e affada para todas as luctas.

O *Planeta do Sul*, jornal mineiro de que era redactor Americo Lobo, o primoroso traductor de Longfellow, recebeu satisfeito as primicias poeticas de Lucio de Mendonça; e em seguida collaborou este, com fervor e enthusiasmo, na *Chrysalida*, na *União* e na secção litteraria do *Omnibus*, de S. Paulo, e redigio a *Borboleta* periodico dedicado ao bello sexo, por elle só escripto e composto typographicamente.

Posteriormente, ainda em S. Paulo, foi o mais assiduo redactor do terrivel *Rebate* e conservou-se durante tres annos como noticiarista e folhetinista da *Provincia de S. Paulo*.

E' longa a lista dos jornaes de que tem sido collaborador effectivo desde essa epoca até hoje. Só na Corte:— a *Gazeta de Noticias*, o *Globo*, o *Mosquito*, o *Colibri*, de Silva Maia, e a sécia *Gazetinha* e especialmente a *Republica*, de cuja redacção foi, por mais de um anno, um dos mais fortes auxiliares; trouxeram a lume em suas columnas bellissimas produções litterarias d'elle.

Actualmente, onde tem escripto com mais assiduidade tem sido na *Semana*, na *Estação* e no *Vasourame*, excellentes jornaes provincianos, redigido por Lucio Filho, escriptor de vasto talento e eruditissimo.

Lucio de Mendonça foi sempre um trabalhador indefesso. Estão patentes em suas obras a profunda veneração consagrada á arte e a perseverança e o paciente esmero, que d'elle exigem,

para se manifestarem, os idoneos que concebem e alimentam.

Se não fosse essa nobre virtude, digna somente dos escriptores, que se prezam e aos mais, elle, que tem já hoje 33 annos do idade, e o dobro d'isso terin em grossos livros em prosa e em verso.

Como poeta, as suas glorias acham-se consolidadas nas *Novas Matutinas* e nas *Alecradas*, dous bellos volumes de poesias, cujo apparecimento mui festejado foi pela imprensa brasileira e pela portugueza, e em innumeraveis composições avulsas, que, se não attingirem pelo arrojado e amplo folgado do estro, as do grande Luiz Dellino, nem, pelo singular esmero artistico, as de Alberto de Oliveira, Theophilo Dias e Olavo Bilac, contadas não o deixariam nunca fora da nobre gerarchia a que aquelles pertencem.

Nas suas *Visões do abysmo* ha rasgos de sublimo inspiração, quadros de grandeza e eloquencia maravilhosas, como jamais se têm visto. O *Consortio Maldito*, por exemplo, parece concentrar, só em quatorze esplendidos alexandrinos, tudo o que o mais puro e ardente democraticismo tem pensado e sentido, desde a *aurora vermelha* de 1789 até os nossos dias. *A Besta Morta* é uma pintura, cuja verdade cruel arranca a todos um brado de indignação, uma pagina lugubre do martyrologio negro: — a victima, filho de Chani e maldito, inspira asco e vergonha aos seus proprios algozos; jaz estrada no chão infecto de uma senzala; tem sobre o peito as mãos roídas do trabalho; e em um de seus hombros, entre farrapos, descobre-se, traçada pelo relho, uma cruz, a unica que o vela no derradeiro somno em que ha pouco adormeceu para sempre;

« Enquanto ao longe o sino, em voz cançada e lenta,  
Resoa, doce christão, a sua Ave-Maria,  
E a moribundo sol as nuvens ensanguenta: »

*A Religião, o Renegado e o Anjo do Prostituido*, bem se vê que foram escriptas pela mesma penna incendiada e osada.

Todos esses bellos sonetos farão parte, por certo, do novo livro que o poeta nos promete, composto das poesias sociais e das lyricas, que tem escripto desde a publicação das suas formosas *Alecradas*.

Mas é como prosador, principalmente, que, com melhor realce se distinguem a individualidade, o temperamento, o poderoso genio e os instinctivos predicaes do escriptor castro. Tende á vista os seus artigos de critica litteraria, os seus romances, os seus mais ligeiros contos, como o *João Mandy*, publicado, ha poucas semanas, na *Gazeta de Noticias*; seus contos, sobretudo, são verdadeiras paginas de mestre, notaveis pela profundidade da observação e ainda mais pela excellencia da forma, onde se acham caprichosa e primorosamente fuidos.

Neste genero os que têm competido com Lucio de Mendonça, não se considerariam avantajados a elle.

Faltar-lhe-ha talvez esse escrupulo de exactidão minuciosa de que dispõe Aluizio Azevedo, o maior dos nossos romancistas contemporaneos; o autor do *Mulato* e da *Casa de Pensão* não pinta somente; para melhor dizer: daguerrotypa.

Valentim Magalhães possui uma extraordinaria pallheta, rica de cores rutilantes e quentes: seus quadros têm uma vivacidade particular que os illumina e que nos de nenhum outro autor se nota. Raul Pompeia é um pintor estranhamente original e delicado; os factos que descreve, elle os encara só pelo lado que, primeiro, fez impressão em sua fina sensibilidade artistica, e, muita vez, para suavizar-lhes o realismo barbaro, os apresenta esfumados e velados como por um discreto nevoeiro diaphano e louro; as meias tintas de que usa são um segredo incommunicavel, exclusivamente seu, proprio da sua natureza.

Lucio de Mendonça, entretanto, na generalidade de seus traços, toca o que é essencial para caracterisar os personagens que exhibe, apanhados de perfil, apenas, e, por um só gesto, uma só phrase, um só movimento, os descobre de improvisado ante o leitor, com maxima fidelidade, exactos e verdadeiros.

<sup>2)</sup> Nasceu a 10 de Março de 1844, na fazenda do Morro Grande, pouco distante da cidade do Pirshy.

No que, então, nenhum dos nossos escriptores o excede é na parcimoniosa regrada dos vocabulos e na admiravel propriedade com que os distribui.

Examinao cada termo por elle empregado; e vereis que, na respectiva oração, nenhum poderia occupar senão, precisamente, o logar que occupa. Desloca-las d'ahi e isoladamente vistas, se cada palavra vos parecer, por voutura, trivial e vulgar, tereis de reconhecer, todavia, que o seu conjunto é harmonico e elegante, pois que o escriptor soube a todas arrumar e dispor com habilidade rara, dando a cada uma, na construcção do periodo, a verdadeira collocação.

Eis ahi em que consiste esta sua bella arte de bem dizer as cousas, transformando, como a vareta magica de Aruinda, cascalhos em ouro.

Seu estylo e correntio e sua linguagem clara, perspicua, siderea. Sabes, entim, mostrar-se apurado e correcto sempre aos olhos dos leitores, mas com extreme singeleza, desaffecteda e naturalmente, sem que estes suspeitem de leve que elle lhes esteja a chamar para isso a preciosa attenção.

Qualidades de escriptor, tão raras e distinctas, com effeito, o collocam na primeira plana e entre os mais abalizados prosadores modernos de aquem e de além-mar.

As nossas relações pessoases são de recente data; mas velhos amigos meus eram já os seus livros, seus artigos, suas opiniões, suas valentes estropheas, oude, ha mais tempo, eu via os reflexos de seu coração de ouro e, desabrida, toda a sua bella estatura moral.

Ler e estudar um escriptor que, como elle, escreva com sinceridade e o sufficiente para conhecê-lo; apertar-lhe a dextra e conversal-o é, pois, um complemento até certo ponto dispensavel. Mas nem já hoje esse complemento me falta para poder affirmar, sobre Lucio de Mendonça, que o escriptor não é mais, do que o homem, adoravel. Adoravel pela elevação de seu espirito, pela alicez e pela nobreza de seus sentimentos, pela sua grande alma, pelo seu grande talento, pelo seu grande caracter. Um verdadeiro caracter deve ter, como o delle, um geito só, uma só forma, de maneira a ser sempre o mesmo em qualquer face por que o encobrem; não bom ou mau, forte ou puillanime, á mercê das circumstancias, como uma cousa que possa ser concava ou convexa, conforme a posição em que fere o olhar.

Encarne pelo lado que quizerdes o seu bello caracter—vós, amigos, cujas virtudes elle tem sempre tido a coragem de exaltar (porventura de mais ás vezes) e vós mesmo, desaffectedos, de que elle, entretanto, nunca soube exagerar os defeitos—encarae-o, e sereis forçados, uns e outros, a reconhecer-lhe a lizura e a diamantina firmeza!

E Lucio de Mendonça o que realmente é vale, só a si o deve; a mais ninguém.

Além de Filinto de Almeida, de Arthur Azevedo e de Gaspar da Silva, estrenuos o imperterritos luctadores, bem poucos mais conheço eu, que, como elle, á sua intelligencia exclusivamente devam, e aos seus proprios esforços, o logar eminente que ora occupam na nossa litteratura e no nosso jornalismo.

Ahi, na escola d'esses que, sem outra protecção, desde o principio se habituam a só contar comigo, foi que mais se lhe acrisolaram a independencia, a energia e a constancia do caracter.

Ahi é que, sagaz observador, aproveitando sempre a lição que ha no fundo de todos os males e de todos os dissabores, caro lhe tem custado essa experiencia profunda, que revela ter, dos homens e das cousas.

Muitas vezes vio atravessadas em seu caminho as paixões e as fraquezas dos outros: — a versatilidade dos que hoje nos dão até o que não merecemos, para amanhã nos despojarem vexatoriamente até do que não nos deram; a inveja dos que se mortificam com a boa sorte alheia; a intriga, enfim, que é tão vil, quanto a covardia e a bajulação são torpes. e a que os accessíveis a ella, são, por via de regra, propensos.

Numa sociedade, onde o merito se visse, por todos os lados, açoado por edios gratuitos e sem causa confessa-

vel, a bom rros deixariam de affligir aquellas tristes deformidades moraes. Lucio, nhi, por saber desprezar-as, seria um d'esses raros, convicto só de que um homem é sempre, — não o que os outros possam imaginar a seu respeito, mas o que, na verdade e com absoluta justiça, merece ser.

Amar e odiar sorá de todo o mundo, mas saber desprezar não é para qualquer!

Foi luctando, combatendo sempre, livre, só, sem dependencia de ninguém e com a franca lealdade ingenua dos verdadeiros heróas, que elle aprendeu a ser o que muita gente não saberia ser, nos maiores trances da vida: — um homem, na mais digna e legitima accepção d'essa palavra!

17 de Maio — 87.

RAYMUNDO CORREA.

Completam-se amanhã dois annos que falleceu V. Ilugo. Como homenagem, começamos a publicar o monumental discurso de Dumas filho sobre o maior poeta do seculo.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Sabem os senhores o que eu tenho agora deante de mim?

A hydra!

E' verdade; via-a hontem a rabiir pela rua do Ouvidor, abaixo e acima, ora erguendo as temerosas cabeças, ora pondo a cauda na posição defensiva em que a costumam pôr os cãesinhos açoitados.

Ea, que não sou filho de Jupiter e de Alcmena e que não fui incumbido por nenhum Eurysthéo de executar trabalhos heroicos; eu, que apenas tenho enfrentado com denodo o *cavaignac* do doutor C. de L., quando vi a hydra caminhar para mim portentosa, draconiana, ameaçadora e terrivel, embetseguei-me no ruído do becco das Cancellas e pedi ao Brito do café da Cascata que me desse caldo de canna e Hercules para um.

O Brito, pouco versado na sciencia dos mythos, não me entendeu, e só comprehendeu o meu terror quando a hydra, disfarçada em cabo de esquadra, arremetteu por ali dentro, bradando como o general Boum na *Gran-Duquesa*: — Onde está o inimigo?!

A America está farta de saber que o brilhante chronista da *Semana* andou dois mezes pela provincia; quando elle partio d'esta capital da febre amarella suppoz ter deixado bem morta a hydra da revolução e completamento decepada as suas sete cabeças; mas estas, como as da serpente de Lerna, renasceram e ameaçam de novo dar cabo da Paz que todos destructamos ha annos. Agora, de volta á *retorta da historia dos sete dias*, é natural que me espante o fragor da situação.

Os horizontes politicos estão muito turvos, como se dizia ha vinte annos, e a gente, na intimidade do lar ou na confabulação discreta com os proprios botões, só encontra no riso compadecido a critica da actual questão militar.

Sempre quero perguntar á Sra. Cinira Polonio, que é a *Frivolina* do *Mercurio*, se ella já viu nos intermundios onde habita o seu personagem, uma criança mais frivola e mais futil do que esta questão, que por um lado se manifesta em manifestos rhetoricos e pantafaça-

dos e por outro discorre em discursos desdenhosos, de um altivez muito duvidosa. Toda questão que decaio da legalidade no *capricho*, torna-se questão infantil. E presentemente é uma simples questão de capricho a questão militar, da qual até já se tem esperado a perturbacão da paz!

Primeiramente errou o governo submettendo a questão á decisão do supremo conselho militar: o facto da submissão importava implicitamente a acquiescencia previa á resolução que o conselho deveria dar ao conflicto; resolução facil de prever desde que os jaizes eram partes. Praece um disparate, mas foi o que se fez. Dada, porém, essa decisão, é claro que o governo, para ser logico, devia executar o acto que d'ella logicamente decorria: — a retirada das *notas* impngnadas. Mas o governo recolheu-se ao silencio, não retirou nada e alijou mysteriosamente o ministro da Guerra.

Agora sabe-se, ou suppõe-se saber, que o governo retira essas *notas* se os interessados requererem a retirada. E' isto que não querem fazer os militsres. Não querem requerer.

Isto neste paiz é assombroso, e, que eu saiba, é a primeira vez que acontece. Até agora o que todo mundo queria era — requerer. Hoje os *defensores profissionais* da patria recusam-se obstinadamente a requerer, e o governo, egualmente caprichoso e teimoso, obstina-se em não conceder nada sem requerimento.

Mas, com todos os milhões de diabos! — requera-se!...

... ou então — haja rôlo.

Isto assim como está não tem geito nem proposito. Carsmba! eu tambem tenho sangue nas veias, e, apezar de ter aversão á fards, não se me dá de ser sargento por tres dias. O diabo é o corpo de bombeiros... Se as machinas esguichantes do Sr. Neiva entrarem na revolução, está tudo acabado! E, na situação actual é a unica tropa com que pode contar o governo. Entre nós impera o esguicho pelo terror; nem os *sans-culottes* foram mais respeitadas em França do que são no Brazil os jactos d'agua das mangueiras mecanicas.

Eu, por mim, para prevenir a revolução, já espichei dez mil réis — por um guarda-chuva reforçado.

E a tropa que venha!

Verdadeiramente a questão militar foi o unico facto que agitou a semsna. Continuou *satisfactorio* o estado de nolestia de S.M. o imperador; mas, apezar da segregação em que está para quem não for medico, têm-se espalhado boatos graves acerca da imperial enfermidade. Diz-se que o imperador tem a memoria muito obliterada, o que é notavel, pois sempre se soube que aquella era a mais desenvolvida e perfeita das faculdades imperiaes, — incluindo a de medicina.

Facto digno tambem de nota foi ter-se passado a semana toda sem que dois jornalistas se descompuzessem e se villendiassem. Porque seria?

Declro-me admirado, e termino estas mal traçadas regras dando ao *Paiz* os parabens, por terem acabado no *Jornal do Commercio* as repetidas intrigas das *Varias*.

Mas se o *Jornal* acabou com aquella

torpeza, iniciou outra na parte telegraphica. Eu não me quero referir á innocencia dos seus telegrammas da quinta-feira...

E vou-me, sem me referir. Apre! assim também é demais. Litteratura d'aquella nem no Serafim José Alves!

FILINDAL.

P. S.—Soube hontem, já depois de escripta esta chronica, que o Sr. Silveira Martins apresentara ao Senado uma moção convidando o governo a declarar as notas sem effeito.

Sendo approvada a moção o Sr. Cotegipe declarou acceita-a vista do estado de saúde de S. M. o imperador.

Para uma questão comica só uma solução ridicula. Mas então o estado do imperador é tão grave que o gabinete cedo a sua dignidade em favor do repouso do enfermo. Se assim não é, que havemos de pensar do governo, virgem patuca de Lourdes!

E foi, afinal, o Sr. Silveira Martins quem aplacou a hydra!

Saudemos o Alcides rio-grandense.

F.

## FLOR DE ROMÃ

Se flores p'ra formar, quizeres, a grinalda  
Que te orae a com feita de ouro fosco,  
Não busques no vergel; que e tudo tosco  
Quanto teu o vergel e de te ornar a espalda

Indigno, o de enfeitar-te estes cabellos, Alda,  
Que, agora, em torno do meu torso enroscou,  
E onde, ó Vestal, mil osculos emboscou.  
Quando a Paixão me agita e a minha carne  
escalda...

Mercadora de alindar-te a trança,  
Só encontro,— mesmo entre a rosa, o amor  
perfeito,—  
Da romanzeira a flor, meiga criança?

Lembra estrella sangrona! Eu penso, feli-  
ceira,  
Que Deus tua bocca não teria feito,  
Se feito não tivesse a flor da romanzeira.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## G. Dias e Castro Alves

Por serem escriptos por dois dos nossos mais distinctos e apreciados colaboradores, o por nos parecer interessante a questão que nelles se debate, transcrevemos hoje do excellente *Diário Mercantil* de S. Paulo, os dois artigos seguintes.

Conquanto não sejamos obrigados a dar a nossa opinião, lembraremos, a favor d'ella, o resultado de uma eleição feita pela *Semana* em 85, para se saber qual era o primeiro poeta do Brazil. O resultado final deu a Gonçalves Dias mais 88 votos do que a Castro Alves.

Somos de parecer que não se deve nem se pôde estabelecer confronto entre dois poetas, principalmente quando ns suas obras differem fundamentalmente no genero e na forma. Não ha estalão para ns alturas do pensamento. A cri-

tica tem de attender ás condições de forma e de meio.

Gonçalves Dias, produzindo numa época de tradições academicas, soubo ser inovador, mas a sua obra, eminentemente parnasiana, obriga a reflectir e a pensar. Castro Alves, numa época de revolução e de renovação litteraria, seguiu a corrente e a sua obra deslumbra. Foi poeta mais para se ouvir do que para se ler. A antithese e a hyperbole, que, na opinião de muitos, são as suas principaes qualidades, a nosso ver são os seus defectos capitaes. Castro Alves levou a antithese até no desespero e a hyperbole até no disparate. Não creou nada, não inovou cousa alguma. O *Byronismo* de Castro Alves se foi por ventura menos audaz, foi com certeza mais perfeito o mais assimilado, annos antes, pelo genio extraordinario de Alvares de Azevedo.

O *indianismo* de Gonçalves Dias, além de ser poesia nativa, se tem precedentes em Bazilio da Gama e em Santa Rita Durão, só no grande poeta maranhense encontrou o seu cantor definitivo e immortal.

O *Y-Juca-Pirama* é poema que não tem par em toda a litteratura brasileira, antes e depois de Gonçalves Dias. Perfeição de forma, originalidade de concepção, propriidade de imagem, vehemencia de apostrophe, perfectibilidade de dicção, grandeza poetica, poder descriptivo, riqueza de lingua— tudo eleva este poema formosissimo e incomparavel acima de todo o cotejo com a poesia decadente que nos deu a imitação dos poetas europeus.

Em litteratura, porém, todas as opiniões devem ser acatadas, e, por isso, não só transcrevemos os artigos de Lucio de Mendonça, o de Olavo Bilac, como abrimos espaço a quem quizer manifestar a sua opinião sobre os dois tão apreciados poetas brasileiros.

F. A.

### Castro Alves e G. Dias

(DEPOIS DA LEITURA DE UMA CARTA DE OLAVO BILAC)

Uma vez, em palestra, no escriptorio do *Republica*,—da grande, da que foi apedrejada pela policia do Sr. Duarte de Azevedo, observava-me um dos aossos mais sensatos criticos da litteratura, Joaquim Nabuco, que temos no Brazil o vésio antigo e mão de julgar sempre por comparação.

Depois d'isso, na leitura da escassa critica litteraria que entre nós se produz tem-me sempre confirmado a justa reflexão d'aquelle meu illustre amigo. Ainda agora, no *Diário Mercantil*, de S. Paulo, uma das nossas poucas folhas em que ha constantemente boa leitura para quem gosta de letras, encontro, numa carta de Olavo Bilac a Alberto de Oliveira, e repetido—como se para uma infelicidade não bastasse uma vez só—um lamentavel exemplo d'aquelle vicio patrio.

Escrevo Olavo Bilac que ha muito tempo que todos consideram Mestre a Gonçalves Dias; até aqui eu subscrever-lhe-a o conceito, sem grande enthusiasmo é certo, mas de consciencia em paz. Accrescenta, porém, Olavo a respeito de Gonçalves Dias que este é poeta cincoenta mil vezes superior a Castro Alves e a Casimiro.

No paralelo com Casimiro de Abreu, eu ainda acompanharia o juizo do poeta da *Tentação de Venocates*, posto que com a moderação de que me preso, talvez não chegasse a contar tantos mil grãos de superioridade a favor do maranhense, mas bem se comprehende quanto achei exagerado o seu enthusiasmo por este, em detrimento de Castro Alves, eu que não considero o cantor das *Espannas Fluctuantes* inferior ao

do *Y-Juca-Pirama*—nem uma unica vez, nem um centesimo do vez!

Ate aqui, dirá o leitor, não ha, de parte a parte, nenhuma critica, senão a expressão de um juizo que tanto pôde ser correcto como falso e injusto.

Mas decomponhamos este juizo, e, por mais que nos desagradem os parallelos, sempre difficeis, por isso, quasi sempre evitados de qualquer le, vejamos em que pôde consistir a tamanha superioridade de Castro Alves, que Olavo Bilac enxerga em Gonçalves Dias.

Quanto á forma, já cumpre fazer uma distincção: no tocante á riqueza e correcção da linguagem, é indispulavel que o vate maranhense excedeu incomparavelmente ao poeta bahiano, mas não se a este como a todos os nossos trovadores contemporaneos, com excepção de Machado de Assis, que este nella lhe colhe em pontos de pureza de estylo. Mas quanto á arte do verso, aos segredos da metrificação e da rima, não vejo que o Castro seja inferior ao Dias; apenas no verso alexandrino encontro imperloaveis descuidos na poesia do primeiro, mas tambem não me lembro—será defecto, talvez, de memoria, e só de memoria estou escrevendo—de nenhum alexandrino de Gonçalves Dias. Cuidado, entretanto, com presumpção razoavel, que, se os tivesse feito, os faria correctos como todos os seus versos.

Em compensação, a rima de Castro Alves é mais rica. Aponto apenas para exemplo—e ainda de cor—o seu magifico *Nadador*, em estrocos rimados, no poema dos *Escraeos*.

Se, porém, confrontar-se o vigor da concepção, o poder imaginativo, a originalidade creatora do poeta bahiano com as qualidades semelhantes de Gonçalves Dias, parece-me julicar que se não concordar comigo em affirmar que o primeiro é mais forte, mais inspiculo e de mais altos arrojos que o outro.

Não conheço, na obra poetica de Gonçalves Dias, nada superior, ou sequer igual, aos bons fragmentos do poema dos *Escraeos*—como as *Forças da Africa*, o *Nauio Negroiro*, e a descripção do *São Francisco*, onde ha esta imagem portentosa, a mais audaz e pittoresca que já encontrei em verso brasileiro:

As garças metiam o bico venuelho  
Por baixo das azas, da brisa ao acóite;  
E a terra, na vaga do azul do infinito,  
Cobria a cabeça com as penas da noite!

Não se me depara, em toda a poesia do Dias, nenhuma composição tão perfeita, tão completa, tão finalmente artistica, como o *Hymno ao Somno*, de Castro Alves.

E Olavo Bilac diz que «chega a ser clamorosa injusticia citar o nome glorioso do immortel cantor do *Y-Juca-Pirama* ao lado do nome de Castro Alves, como o faz Urbano Duarte».

Concluo, repetindo que tenho decidida aversão aos juizos comparativos; mas entre a predilecção de Olavo Bilac e a minha decidam os que, sendo competentes, poderem ser imparciaes.  
Valença, 29 de Abril de 1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

CASTRO ALVES E G. DIAS

A proposito de uma carta que, pelas columnas do *Diário Mercantil*, eu receci a Alberto de Oliveira, e em que discordei de algumas opiniões de Urbano Duarte, escreveo Lucio de Mendonça, com o titulo acima, um artigo, em que chega a conclusões inteiramente oppostas ás minhas.

Não é isto, devo notar, uma discussão calorosa e grave; simples conversa de amigos, que aem sobre tudo têm a mesma opinião, e auaam tratar de cousas que ambos prezam e praticam.

Admiro Gonçalves Dias como poeta cincoenta mil vezes superior a Castro Alves; Lucio de Mendonça até considera o cantor das *Espannas Fluctuantes* inferior ao do *Y-Juca-Pirama*, nem uma unica vez, nem um centesimo do vez.

Ha, como se vê, uma simples divergencia de opiniões, questão difficil, senão impossivel de discutir e resolver; mas o poeta das *Armas* appella para o juizo dos competentes, e é preciso que eu advogue a minha causa.

Em primeiro lugar, sou accusado de dar lamentavel exemplo de uma vicio

patrio: o vésio antigo e mão de julgar sempre por comparação.

E vésio que me não põe na consciencia reprovo-o e folgo muito de estar, neste ponto, em completa harmonia com Lucio de Mendonça. Quando comparo os seus poetas citados, tratava-se de uma situação especialissima, em que era inevitavel a comparação. Traxe-os Urbano Duarte como exemplo, apontou-os com a orelha a uma geração inteira de poetas—geração em que Lucio occupa tão notavel lugar, e que tantos e tão brilhantes serviços tem prestado á arte brasileira.

Creio em que dois artistas apud nos como innofas a Mestres do mercantilismo do Luiz Bellino, Ruyminho Correa, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias, devem ser ambos perfectos, ambos dignos de imitação. Assim trazidos de parceria, batta-lhes a luz em chapa, destacavam-se-lhes todos os defectos e todas as qualidades.

Nestas condições era possível evitar o confronto? Como poderia eu deixar sem reparo que se apontassem, como modelos igualmente aproveitaveis, dois poetas de merito muitissimo desigual em minha opinião? D'ahi a comparação muito naturalmente provocada pelas necessidades do problema e não por um vésio antigo e mão.

Explicou o parallalo que estabeleci entre o poeta bahiano e o maranhense, a que a seu pesar, tambem Lucio de Mendonça foi obrigado a fazer, devo justificar a minha predilecção pelo cantor dos *Tynbiras*.

Já de accordo estamos sobre um ponto que julgo do maximo importancia: a forma de Gonçalves Dias excede incomparavelmente á de Castro Alves. E ainda mais: no tocante á riqueza e correcção de linguagem, o vate maranhense excede a todos os nossos trovadores contemporaneos, com excepção de Machado de Assis. Não são muitas as ultimas palavras: não levo o meu enthusiasmo a ponto de julgar imitada a forma de Gonçalves Dias, porque não sei em que piquete de Ruyminho Correa ou Alberto de Oliveira, mas não é essa a questão.

Por outro lado, Lucio attribue ao poeta dos *Escraeos* mais forma, mais altos arrojos a mais originalidade.

Quanto nos altos arrojos, — talvez ande eu mal em pensar assim— não me commovem em poeta nenhum. Não é isso o que me seduz e creio que é justamente o que tem perdido muito poeta de talento. Sempre que leio certos parcos de C. Alves, creio no velho, á frente de um camuroto de theatro, declamando com fogo estrophas reumbantissimas e pomposas, sementes de *traps de bandieras na amplidão, palmas do infinito e hom'ens detitans*, fazendo deploraveis concessões ao gosto da multidão e sacrificando o seu genio, a sua gloria, por amor do meia duzia de applausos ephemeros.

Que admiraveis obras-primas de inspiração e sentimento nos daria elle, se, pensando e confiando mais na justiça de melhores tempos, desprezasse essas pequeninas glorias de momento, e trabalhasse seriamente, infatigavelmente, como o fazem todos os grandes artistas!

Quanto á originalidade... Devo dizer, antes de tudo, que não sou dos que exigem que o poeta caute este ou aquelle assumpto. Tenho para mim que dos deveres apenas lhe devem ser impostos: Sentir com toda a paixão e exprimir com sinceridade o pureza de forma. Cante o poeta as dores e as alegrias dos homens de seu tempo e exprima as duvidas e esperanças de sua época, ou, como Lucio de Mendonça resuscitador da antiguidade—refugiase entre raças extinctas, dentro do necessario de horizontes mais largos para abrir á vista a as suas azas polibossiminas,—basta-me que seus versos me commovam e consolem.

Mas, uma vez lembrada a questão de originalidade, não é possível evital-a. Neste ponto, não vejo razão para estabelecer a superioridade de C. Alves—bello talento influenciao constantemente por V. Hugo, Byron e Musset—sobre aquelle, que, numa época de depauperamento litterario, deu novos molles á poesia brasileira, seguindo caminho nunca seguido, transportando para seus versos uma natureza até então nunca dignamente celebrada, e eternizando uma raça inteira, com todos os seus ritos e com toda a sua sublime poesia.

Esta é obra profundamente original e sincera, que ha de viver enquanto

houver quem fmo o estude a lingua portugueza.

Termina Lucio de Mondonga o artigo dizendo não conhecer em toda a obra de G. Dias uma composição tão perfeita, tão finamente artistica como o *Hymno no Sonho* de Castro Alves.

Quanto a mim, sempre direi—e sirva tambem esta opinião de fecho— que não conheço em toda a poesia brasileira um trecho tão forte, tão vibrante, tão inspirado, tão grandioso na idea e no estylo, como a *Valdição* do velho Topy no *Y-juca-Pirama*.

S. Paulo, 11 de Maio de 1887.

OLAVO BILAC.

## JUNCTO DOS TEUS

Juncto dos teus, nesta cidade antiga,  
Nesta casa onde um sonho bom me embala,  
Conveço-me de ouvir a tua fala  
Se ouço ás tuas irmaos a voz amiga.

E, por mais que a saudade me persiga,  
Do coração queixoso a voz se cala,  
E eu penso ver-te nesta mesma sala  
Pois se o mar nos separa o amor nos liga.

Tudo faja de ti; nestas cadeiras  
Muita vez te sustaste, e nesta meza  
Talvez traçaste as cartas derradeiras!

E estás presente! E' que a minha alma acceza  
Para arrancar-te ás plagas estrangeiras  
Supprime o espaço e vence a Natureza.

Campinas, 2 de Abril de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

## Discurso de Alexandre Dumas

EM RESPOSTA AO DE LECOINTE DE LISLE,  
NA ACADEMIA FRANCOESA

SENHOR.

Esse a quem acabas de elogiar com tanta eloquencia, convicção e auctoridade, tinha a mais elevada estima por vós, não só como poeta mas tambem como traductor. Elle, que lia no original os poetas seus predilectos, desde Homero até Dante, desde Juvenal até Shakespeare, a ninguém mais, senão a vós reconhecia o direito de os fazer falar na lingua franceza, de que possuia todos os segredos e todas as magias. Confiava em vós neste ponto como em si proprio confiava, o que não é dizer pouco, pois era respeitador do pensamento dos raros espiritos que admirava, como queria que o fossem do seu proprio. A viva admiração de taes espiritos, que tão alto professava, de que tantas vezes deu os fundamentos, absorvia-o, isolava-o, força é dizelo, a tal ponto que vivia quasi completamente fora de tudo quanto em torno d'elle se produzia. Nuo livro que o contem—tanto quanto um livro pode conter semelhante homem—em *William Shakespeare*, nomeia diferentes vezes esses grandes espiritos: Homero, Eschylo, Job, Isaias, Ezequiel, Lucrecio, Juvenal, Phidias, Tacito, João de Pathmos, Paulo de Damasco, Dante, Miguel Angelo, Rabelais, Cervantes, Shakespeare, Rembrandt, Beethoven. O Grande pelagoso, diz, é Homero; o grande helleno é Eschylo; o grande hebreu é Isaias; o grande romano é Juvenal; o grande italiano é Dante; o grande inglez é Shakespeare; o grande allemão é Beethoven. Não ha, não havia ainda, no sen conceito, grande francez quando fazia esta ennumeración. Confiava ao futuro o cuidado de o encontrar. Taes homens constituíam para V. Hugo o cimo do espirito humano. «Este cimo é o ideal, diz, a que Deus desce, a que o homem sobe.»

No calor da argumentação, V. Hugo esquece o luminoso estylo do *Amphytrion*, da *Escola das mulheres*, das *Sabichonas* e do *Misanthropo*, que ninguém egualou na scena e que ninguém mais do que Boileau applaudia, o oa cinco actos do *Tartufo*, onde não se encontra absolutamente o meio do padre.

Mas prosigamos; V. Hugo continúa: «Não dar brecha á critica é perfeição negativa. E' bello ser atacavel. Persecutae effectivamente o sentido das phrases postas como mascaras nas mysteriosas qualidades dos genios. Sob a obscuridade, a subtilidade e as trevas achareis profundidade; sob a exaggeração—imaginação; sob a monstruosidade—grandeza.»

Parece-me, quando leio taes affirmações, ouvir, do seguudo piano, o codo o colloca o poeta, Molière, que rio de tantas cousas consagradas e até sagradas, murmurar entre dentes: «Sois ourives, Senhor Josse!» acrescentando immediatamente; «Mas que admiravel ourives que sois!»

Quando um grande genio contrahio desde a infancia o habito de entreter-se com um circulo de genios anteriores, em que Sophocles, Platão, Virgilio, Lafontaine, Corneille e Molière apenas occupam o segundo plano; em que não penetram Montaigne, Racine, Pascal, Bossuet, Labruyere; facilmente se comprehende que quando esse grande genio distingue na multidão que se lhe agita aos pés um poeta e assella-o na frente com o signal com que se hão de reconhecer no futuro os de sua raça e familia, tal poeta terá direito de ser orgulhoso. Tal poeta sois vós, senhor.

Como a intimidade intellectual, a alliança esthetica se estabelecem entre vós e Victor Hugo?

Era no tempo do imperio; V. Hugo estava em Guernesey. Passeava pelo terraço que immortalizou e que se tornou um alvo de peregrinação para todos os noços poetas. Nem uma nuvem no céu «formado de uma unica saphira» como elle teria dicto; nem uma ruga no mar, no qual, segundo a vossa bella expressão, que vamos tornar a encontrar d'aqui a pouco, «cae o sol em toalhas de prata». Então, um dos moços que tinham a honra de mover-se na sombra do exilado, exclamou de improviso, como se só os versos que recitava pudessem traduzir a impressão causada por aquelle dia esplendido:

*« Midi, roi des étés, epandu sur la plaine,  
« Tombe en nappes d'argent, des hauteurs du ciel bleu;  
« Tout se tait; l'air flamboie et brule sans haleine,  
« La terre est assoupie en sa robe de feu.*

— Que é isso que ahí está dizendo? exclamou Victor Hugo, ao ouvir esses bellos versos, que se não lembrava de ter feito.

— São versos de Leconte de Lisle; respondeu o moço.

O vosso nome era ainda dos que não despertavam recordação no espirito do mestre. Perguntou ao vosso joven collega se sabia o resto da composição.

O moço o sabia, como o sabem muitos outros, ainda dos meros prosadores, e, depois de haver repetido a primeira estrophe, continuou assim:

*« L'étendue est immense et les champs n'ont point d'ombre;  
« Et la source est tarie, où bucaient les troupeaux;  
« La lointaine forêt, dont la lisière est sombre,  
« Dort, la bas, immobile, en un pesant repos.*

*« Seuls les grands bleus maris, tels qu'une mer dorée,  
« Se déroulent au loin, dédaigneux du sommeil;  
« Pacifiques enfans de la terre sacrée,  
« Ils epuisent sans peur la coupe du soleil.*

*« Parfois, comme un soupir, de leur âme brûlante,  
« Du sein des épis lourds, qui murmurent entre eux,  
« Une ondulation majestueuse et lente  
« S'écoule et va mourir à l'horizon poudreux.*

*« Non loin quelques bœufs blancs, couchés parmi les herbes,  
« Bœufs avec lenteur, sur leur fanons épais,  
« Et suivent de leurs yeux languissants et superbes,  
« Le songe interieur qu'ils n'achèvent jamais.»*

Quem já escreveu as *Folhas do Outono*, os *Cantos do Crepusculo*, os *Rnios e Sombras*, e ouve inesperadamente versos

como estes, estremece em todas as aua fibras de poeta, reconhece um irmão, — não digo filho porque de ninguém nascestes — e diz ao desconhecido que o iniciou e que certamente se acha entre os que nos oscutam hoje:

— Sabe ainda outros versos d'elle?  
O moço sabia muitos outros ainda; deixou cahir gota a gota, como perolas, no azul, no ouro e nos diamantes d'aquelle dia esplendido, — fragmentos de *Guaiceps*, da *Visão de Brhama*, da *Tunica do Centauro*, de *Helenn*, de *Kiron*, de *Hypathia* e *Cyrillo*. Victor Hugo perguntou ao moço como, e talvez por que, decorara tantos versos vossos. Entrou então o outro nos pormenores da vida d'aquelle poeta novo, independente, selvagem, um tanto feroz até, como teria dicto Racine, a viver na solidão e no trabalho, absoluto nas idéas, consagrado inteiramente á sua obra, amante da poesia só pela poesia, pobre, activo, honrado a todos os respeitos, tão pouco preocupado com a fortuna como com a reputação, que ambas, afinal, pareciam estarem resolvidas a respeitá-lhe ainda por muito tempo o incognito.

A Victor Hugo bastou recordar o seu aposentinho da rua do Dragão em 1820 para imaginar o vosso, no *boulevard* dos Invalidos; bastou-lhe recordar-se de como se fundara a escola romantica, de que para logo se fizera proclamar chefe, para comprehender que se fundava em Paris, sempre laboriosa, mas onde já elle não estava, uma nova escola, com um chefe novo.

De feito, exactamente na mesma época em que, do alto do seu rochedo flamejante arremassava a trave de espaço as paginas das *Punições* (*Châtiments*) das *Contemplações*, da primeira *Lenda dos seculos*, que desferiam o vóo, aguias, corvos e pombas, para as quatro partes do mundo; á noite a estrella dos Magos do Oriente guiava alguns pastores absortos, devotos e convictos, para o altar mysterioso que haviéis erigido á Musa, e cujos ardores sagrados, inebriantes e puros, creio que nenhum outro poeta antes de vós tão completamente conhecera. A razão é que; nascido francez, vivendo e respirando no meio de nós, como todos hoje o podem verificar, casualmente, porque assim o digamos, não eramos nós intellectualmente os vossos compatriotas e contemporaneos: eram os gregos e os hindus. O estado civil e a presença real nada provam em questões do espirito. Ha a influencia das origens, das hereditiedades, dos logares e dos meios, Ora, vistes á luz em pleno oceano indico, na encantada ilha da Reunião.

— Africa por um lado, Asia por outro — e que deve apparecer aos que passam ao largo como um ramo immenso de flores, nascidas talvez das que colhia Proserpina, quando Plutão entrou a persegui-la, e ella atirou ás ondas para facilitar a fuga inutil.

Nascestes a 22 de Outubro de 1818, em S. Paulo, de pae bretão e mãe gasconez; e—ninguém acreditaria ao ler-vos—sobrinho—neto de Parni, o Scarron da guerra dos Deuses e o Tibullo de Leonor:

*Enfin ma chère Eleonore  
Tu l'as connu ce peché...*

Tranquillisae-vos, que me cingirei a estes, apenas, d'aquelles versos que tantas vezes vos terão feito corar como poeta, como sobrinho até, e que porventura não contribuiram pouco para a severidade de vossos juizos a respeito dos poetas do amor. Fostes educado por um pae grande admirador de Rousseau, que experimentou em vós as theorias do *Emilio* com perseverança de bruto. A regra paterna era ás vezes severa, difficil a submissão.

Felizmente ali estava a grande Natureza. Tomaveis desforra em grandes caminadas solitarias, á luz do vosso sol tropical. Durante taes passeios foi que vistes

*« Atraverser les massifs des pâles oliviers,  
« L'archer respandissant darder ses belles flèches,  
« Qui, par endroits, plongeant au fond des sources fraîches,  
« Brisent leurs pointes d'or contre les durs graviers.*

Assim se fortificavam vossa energia e vontade.

Depois o anjo de eapada flamejante, o anjo iniquo das necessidades mate-

rias expellio-vós para sempre do paraíso da vossa infancia e dos vossos sonhos. Mas se não se leva o solo da patria na aola dos sapatos, luva-se-lha na alma no coração da alma, quando se é poeta como vós: era devoraa no sol do extremo Oriente que vossos juvenis discipulos vinham aquecer-se e illuminar-se.

Fizestes como o grande renovador hindu: rompestes com muitas tradições antigas, com muitas glorias consagradas, e eis como, no prefacio da primeira edição dos vossos *Poemas Antigos* estabelecestes os novos dogmas: «A poesia moderna, reflexo confuso da personalidade fogosa de Byron, da religiosidade facticia e sensual de Chateaubriand, da meditação mystica de Rhené e do realismo dos Lactistas, perturba-se e dissipa-se. Nada ha que seja menos vivo o menos original em si, sob mais espectoso apparato. Os novos poetas, gerados na velhice precoce de uma esthetica infucunda, têm de sentir a necessidade de rutmepurar nas fontes eternamente puras a expressão gasta e debilitada dos sentimentos generosos. E depois, quando essas intelligencias, profundamente agitadas, se houverem apicado, quando a meditação dos principios desprezados e a regeneração das formas houverem purificado o espirito e a lettra, em um seculo ou dois,—ae é que a elaboração dos tempos novos não exige mais elevada gestação — tornar-se-á por ventura de novo a Poesia o verbo inspirado e immediato da alma humana?..»

Taes os trechos mais notaveis d'esse prefacio, claro como o crystal o como o aço.

Semelhante profissão de fé não ora, apenas o clangor que dá o signal para o assalto do Futuro; era o dobre de sino a tanger mortuariamente pelo Passado e sobretudo pelo Presente. Era uma nova revolução radical, que havia de acarretar consequências multo diversas das de 1830. Tratava-se de nada menos, com effeito, que repudiar toda a esthetica moderna, retroceder do movimento classico e romantico e restituir aos poetas a direcção da alma humana. Depois de ter tido conhecimento dos vossos versos, teria Victor Hugo conhecido esse prefacio?

Creio que sim. Por isso quiz conhecer-vos e seduzir-vos. Tornar-se apos; tolo de um adversario é delicia para um deus. Conscio de que não virdes primeiro a ello, foi elle para vós. Tinha d'esses requintes do seducção quando algum lhe resistia. Enviou-vos um de seus livros com estas duas unicas palavras, — tão acariciantes de egualdade: *Jungamus dextras* e a sua grande assinatura régia.

Chegastes, vistes e fostes vencido. D'esse momento por diante comprehendestes que já não podíeis resistir áquelle feiticeiro e ficastes sendo um dos feis da casa, um dos adoradores do mestre. Fizestes bem. Para quem quer que é um pouco poeta Victor Hugo é irresistivel.

Ultimamente o reli desde as *Odes e Balladas* até *O fim de Satanax* e *O theatro em liberdade*. Tornei a achar por toda parte os deslumbramentos que em minha mocidade me produzira, pois os da nossa eldade nutriram-ae todos do seu leite, do seu mel, da sua carne.

A' simples evocação de seu nome, accendem-se-nos os versos na memoria e jorram para o céu em feixes de fogo de todas as cores.

Comprehendo que Chateaubriand lhe tenha chamado «ortanja aublime». Dizem agora que a phrase não é exacta; tanto peor para Chateaubriand. Também se diz que o poeta não decende, como affirmara, do Hugo que foram capitães nas tropas de Renato II, duque de Lorena; tanto peor para os capitães do duque Renatto II. O certo é que faz parte d'ora avante do ar que respiramos; entrou no sangue da França. Se já não pertence a Lorena pelos antepassados, prende-se pelo genio ao sólo da patria intellectual, da eterna patria franceza, que ninguém pôde invadir nem mutilar. Agora, confrontando-se o vosso prefacio com o discurso que acabamos de ouvir, facii é reconhecer que, excepto V. Hugo, as vossas idéas geraes não se modificaram. Tal excepção não é mera cortezia academica; pois, na oração funebre que pronunciastes no dia dos seus funeraes, chamastes á Morte «a eterna luz que moa ha de gnlar eternamente para o Bello eterno, pois

hoje declaras a sua obra única entre todas, na que a caracterizas. Com esta minima restricção podias manter-vos nas vossas theorias primeiras e na vossa aspiração final: a direcção, mais ou menos remota no futuro, da alma humana pelos poetas regenerados. Recio que não estejas a sonhar com isto, senhor, um sonho irrealizavel, que naturalmente se prende ás vossas origens orientaes e ás vossas idéas pessoas em mysteria religiosa.

A educação pelos poetas podia talvez justificar-se quando as relações entre o Céu e a Terra eram em condições diversas das de hoje. A moral que os poetas indicavam nesses divinos mysterios podia ensinar aos homens era sufficientemente composta de imaginação e de oportunidade para que lhe pudessem baetar os poemas lyricos e dramaticos; mas depois de Válmiki e Homero produziu-se um facto extraordinario e imprevisito, poeto que predico. No meio dos poemas orphicos e védicos vio-se de improvise cair, do Céu, ao que se diz, um livrinho, um pequenino livro, cujo conteúdo não encheria um canto da Illyada ou do Ramayana; e esse livrinho contava aos homens a mais maravilhosa historia que nunca ouvira, e propunha-lhes a moral mais pura, mais consoladora e proveitosa que já foi proclamada na terra. A Humanidade sentiu do repente possuir uma alma nova á voz de certos rapasões vindos da pequena terra da Judéa, recitando e propagando pelo mundo o seu poema, que declaravam divino, com tanta convicção e enthusiasmo que preferiam deixar-se crucificar ou atirar ás fôrmas a renegar-lhe uma unica palavra. Apugavam-se então da memoria, senão da consciencia dos homens os poemas religiosos da antiguidade, como ao primeiro raio do sol extinguem-se as estrellas, que são luz apenas para a noite.

De tal facto por deante passou a Humanidade, da idolatria do Bello á religião do Bem. A alma teo, como o corpo o espirito, se suas necessidades. A Arte, que no vosso conceito deve constituir o seu proprio fim, tambem entendeu que devia dedicar-se plenamente ao culto da revelação que se affirmava divina. Deus teve como os deuses os seus Phydias ou os seus Lysippos, os seus Appelles e os seus Zouxis num Douatello o num Miguel Angelo, num Leonardo e num Raphael, e nasceu a musica, como para reunir numa só todas as vozes da Creação em louvor do Creador, recentemente descoberto; finalmente a propria Poesia, abdicando a soberania directa nos espiritos, tornou-se vassalla e dirigio o Coro da boa nova.

(Continúa no proximo numero.)

SONETO

Eu sei que os versos meus são sempre arditos  
Sem arte, sem belleza e sem doçura:  
Um destino cruel, a desventura,  
Matou-me a inspiração d'is tempos idos.

Sei que nem mesmo lograrão ser lidos  
Por ti, minha visão etherea e pura;  
E quando possam ter esta ventura  
Irão talvez magoer os teus ouvidos.

Sei que em tu'alma alegres passarinhos  
Pousão cantando á mergem dos caminhos  
Por onde passa a tua fantasia.

Mas estas flores pallidas, sem vida,  
Podem mudar tambem, pomba querida,  
Se a teu seio aquece-las um só dia?

CARLOS LUIZ...

«LYRICA»  
DE  
FILINTO DE ALMEIDA

Entre os adjectivos soezes que nos noticiarios das folhas paulistanas amavelmente perfilaram-se ao lado do nome de Filinto, ao apparecimento da sua Lyrica, notei esta, que, por insolito, impressionou-me: original.

Bem pensado, Filinto é um poeta original, mas a seu modo. A originalidade que lhe não consiste em elle haver escripto os seus versos, corrente o segundo quartel do seculo XVI.

Appareceu agora, em pleno declinio do Romantismo, em plena anarchia de escolas litterarias, numa época insubmissa e revolucionaria, a Lyrica de Filinto — toda risonha e madrigalesca, tem para mim o precioso valor de um ramilhete de rosas e lirios colhidos em algum poetico jardim quinhentista enaombrado do freixo e d'olmeiros, por entre os quaes collee murmurante

«Natural fonte agreste  
Não lavra la'artifice excellente  
Mas por arte celeste  
Derivada do rustico penelo.»

(Camoês)

E que suave aroma recendem aquellas flores! que vigo ostentam naa petalas ajuda humidade do orvalho d'esta madrugada. E' a sensação que ellas mo causam — de flores agora mesmo colhidas — aquellas rosas entretanto desabrochadas, disserais, em pleoa florecencia do lyricismo camoneano.

Não faço injuria a Filinto aliando seu livro á Lyrica de Camoês e de Bernardes, de Fernão d'Oriente, de Ferreira e Sá do Miranda. Foi o seculo aureo das letras portuguezas, renascidas ao influxo da Musa de Petrarca, de cujos tercetos ha mais de um ecco na lyra enamorada de Filinto.

Nada transcrevo, que isso levar-me-ia longe, para justificar a impressão em mim causada pela leitura da Lyrica; mas se o leitor quizer dar-se ao trabalho do confronto, lendo qualquer repositório onde venham cangões e elegias dos poetas quinhentistas, ha de achar entre Filinto d'Almeida e os lyricos d'aquelle tempo mais de um traço commum de familia.

Não importa isso dizer que Filinto seja imitador da poesia d'aquelle epocha; longe d'isso; ha neste poeta grande naturalidade, senão originalidade; e eu explico a attitudã consonancia poetica por um facto extra-litterario — o temperamento erotico do auctor da Lyrica.

Filinto, vê-se de todo o seu livro, é uma alma delicada, um coração sensível perpetuamente enamorado; nelle o amor não ultrapassa a tenção affectiva que delinea os limites do sentimento normal — doce, suave, calmo, perduravel, e a paixão — dominadora, poderosa, ephemera.

Todo o livro de Filinto é sinceramente, naturalmente, exclusivamente a vida do seu coração.

E' uma historia attrahente, singela, idyllica monodica.

A evolução do sentimento é tão natural neste poeta, que mal se lhe distinguem os estadios; entãto elle mesmo procura assignalar as phases de sua vida sensitiva.

Na Musa errante e nas Peninsulares, silvorecendo-lhe a adolescencia, o coração ama o amor, á toa, borboleteando: é a função do organo affectivo. — Anou: eis tudo. A quem? Ao eterno feminino; Lurns, Lucias, Eleonoras — tanta gente! tanta mulher anonyma! E ao alitro d'essas almas pullulas e venaes, vêm-lhe as primeira disillusões do coração:

«Os profundos e negros amargores  
Em que eu mergulho a vida, inexperiente,  
Não têm nem luz, nem sol, nem sons, nem fôrmas...»

Unicamente lagrymas e dores,  
Vácuo, sombras e luto, unicamente!  
Feliz de quem não soffre, nem os sente!  
E' tão amargo o mel d'estes amores,  
Que de libal-o fico descontente,  
E sinto que me inuadam d'erepente  
Os profundos e negros amargores.»

Pois apesar dos pezares, Filinto guarda para as Laís que lhe amarguram o coração a attitudã e a linguagem de um galant'uomo perante uma dona.

Eis, no desenhar-se de um d'esses ephemeros amores, como elle se exprime ao devolver á amante as lembranças sensiveis que d'ella guarda:

«Ahi vão as proveas, pois, do ten amor vehemente,  
D'esse doido paixão que em tus almas ascen,  
Por minh'almas passou e nas duss morreu.  
Cartas, flores, cabelo e até photographias,  
Gosos, dores cruéis, tristezas, alegrias,  
Tudo volta ao logar d'onde sahira...»

«Esqueste, esqueci; som-e livres, emfim;  
Siga cada um de nós tranquilo a sua sorte  
E nem venha a saudade avivar esta morte.»

Nem uma «strophes! Nem um epitheto injurioso! Esqueceste, esqueci...» Acabou-se.

As mulheres nunca lhe perturbaram o equilibrio das forças d'alma.

Quando mais dominado pela paixão se confessa:

«Se passas juncto a mim, eu sinto as vagas  
Do fundo oceano da paixão, rolando,  
Quebrarem-se em meu peito, como quando  
Rebatam as do Mar nas duras fragas.»

se então julgamos assistir ao explodir de um temperamento, eis que «as vagas do fundo oceano da paixão rolando,» chegam-lhe aos labios neste murmúrio:

«Da luz do teu olhar sereno e brando  
Toda a minh'alma docemente alaga...»

Uma ultima nota e dou por esboçado o perfil psychologico d'este poeta:

«Ahre um sorriso alegre, abate o pejo,  
E mostra, flor, um sentimento franco:  
E duras juncto a ti o meu desejo  
Hmildemente, como um galgo branco.»

Agora pergunto — Com um temperamento d'estes, onde o amor difficilmente se animalisa; com um alma terna e doçea-lu, seria possivel que a poesia de Filinto se parecesse na linguagem dos versos com essa poesia lasciva e grosseira que hoje entre nós florece, sendo alubricidade por nota dominante, sendo a strophe uma jaula dentro da qual se move a tropa dos desejos assanhados e ululantes?

Não.  
Eis a meu vêr a razão da originalidade do poeta da Lyrica — o seu temperamento.

Os outros cantam a paixão, as exigencias dos sentidos, as horripilações da carne; este poeta o amor, os anbellos do cotoção, os brandos movimentos d'alma. Ora a moderna linguagem poetica, deturpada pelo satanismo, a linguagem com que pintamos as flores do mal, os phenomenos da nevrose, as verdes podridões modernas, não poderia logicamente convir á expressão dos mimosos sentimentos contidos no Poema da Morte e na Musa Noa.

Se eu já não houvesse visto Filinto d'Almeida burgesmente mettido em fraque e pantalonas, como todo o mundo, figural-o-ia, á leitura dos seus versos, vestido de catções de velludo e gibão golpeado de seda, sombrero com larga pluma fluctuante, a recitar msdrigães á sua amada. E assim o imagino, porque toda a sua Lyrica respira o culto do amor delicado e respeitoso.

Sendo a poesia a expressão de um certo estado emocional, nenhuma outras expressões da linguagem poderiam d'esse phenomeno dar ideia senão aquellas em que primitivamente foi a enoção vasada.

O unico meio de conhecermos um poeta é lêr-mo-o. Por isso tenho posto logo abaixo de cada observação minha os versos que a justificam. Faço nms ultima transcripção, ao acaso, para mostrar a eusvidade de sentimento que transluz perenemente atrsvez da poesia de Filinto d'Almeida.

AD ALTARE

Senhora minha. As almas melindrosas  
Como a minh'alma, esquivam-se aos louvores,  
Mss amam d'outras almas os fulgores  
E do talento as peregrinas rosas.

A um tempo são ousadas e medrosas  
E juncto do prazer querem as dores:  
As violetas, modestas entre as flores,  
São pelo aroma attivas e orgulhosas.

Deixa, pois, que a minh'alma onse, radiante,  
Depór a vossos pés, minha Senhora,  
Esta singela flor triste e galante;

E a Natureza boa ensine a Anora  
A illuminar eterna e fulgurante  
Vosso caminho pelo tempo fora.

Agora, duas palavras sobre o valor artistico do livro.

A poesia consiste num intenso estado impressivo da alma humana; os versos são a expressão usual d'aquelle estado.

Pode a alma sentir-se commovida quer perante os aspectos da Natureza physica, quer á contemplação dos actos psychicos — mentaes ou puramente ethicos.

Desde que a enoção seja bastante intensa para poder exteriorisar-se, e corporisar-se na linguagem adequada á sua mais conveniente expressão, temos a Poesia. Para julgarmos a poesia a critica, não devemos copiar senão de suas qualidades como obras d'arte — fráz ou não traz ella com a maior intensidade possivel a enoção que o poeta quiz representar? — Eis a nossa unica preocupação ao julgarmos a obra poetica em si. Subordinada a outro criterio de julgamento seria erroneo. Ao enfrentar com um trabalho artistico, devemos despreocupar-nos de todo o qualquer parti-pris, sob pena de prejudicarmos.

Ninguém exija de um autor senão o que elle teve intenção de crear.

Quando ao abrir a Lyrica de Filinto eu vejo, subordinado o pensamento geral do livro, esta epigrapho:

Poveri veni' miei pettiti al cenno,  
Della mia gioventù memoria lieta,  
Nime d'ira, di gioia e di lamento  
Poveri rime mie, che d'errare...

certo, não poderei exiger d'elle que cante — as armas — os barões assignalados passando além da Taprobana.

Desde a primeira pagina o auctor teve o cuidado de dizer-nos que o seu livro contém apenas «rime d'ira, de gioia e di lamento»; ora, a quem nos boni exercer o officio de analysts, deveriamos unicamente inquirir se os versos do poeta representam com o maximo poder de expressão aquelles diveros estados d'alma.

Crio que foi o que fiz, aliás desprezenciosamente, ao analysar as poesias de Filinto d'Almeida.

A Lyrica é a monodia do amor.  
Cantando quasi exclusivamente aquelle affecto, deve o livro ser sentida, e resente-se, de certa monotonia.

Filinto é um poeta eminentemente subjectivista. Todos os seus versos tírou-os do coração; são a historia dos seus amores. Parece que nunca teve olhos senão para olhar pardenro de sua alma. A Natureza exterior nenhuma enoção lhe causa. Em toda a Lyrica não ha uma aguarella, uma figura unica, oriunda de impressão naturalista.

Da Natureza Filinto conhece apenas as flores litterarias — a rosa, o lírio; o os phenomenos ou coeas que impossivel ser-lhe-ia não conhecer — o mar, a montanha, a Aurora, a noite. Algum raro quadro que elle desenha, fulo a grandes traços fugitivos, como — NO LO DA SERRA.

Apezar, porém, da monotonia dos versos de Filinto, lem-o-os com baetante agrado e esta doce impressão em nós demora depois de percorrel-os:

— E uma alma delicada a deste poeta!

Vem-nos, então, o deeejo intimo de abençoar os seus amores.

POST SCRIPTUM

Agora interfere-me a sympathia.  
Neste miser mundo, perpetna srenu de hostilidade entre o genito do diuheiro e a gente do sentimento, tão cheio de lms and-s nos sempre o coração, que até corprehenlem-nos quando uma florde bemquerer brota do seio de tal humeo.

Pois uma flor d'essa rara especie desabrochou-me lentamente o alma ao vivificante bafajo da poesia de Filinto.

Em que deliciosa digressão ando o meu espirito atravez das nastrophes sentidas. A principio vamos por um meandro de trilhos que se entrecruzam marginados de flores, sonoros de trilhos d'aves. Derrepente depar-se-nos um luctuoso recanto que enlrietece; alveja ali um tumulo ensombrado d'arvores funerarias. E' o POEMA DA MORTE! melancolico retiro da saudade.

Logo adeante emerge das brumas da tristeza nms lha Phantastica illuminaada e florente...

No limiar d'este paiz bendicto dete-

nho-me respeitoso. E' tão ephemera, tão assustadica, tão fragil a felicidade do coração!

Ap' nas a minha sympathia não pode eximir-se de murmurar baixinho á Eva intemerata d'aquelle paraíso: — Bem-dicta sejas, que soubeste inspirar no poeta estes sentimentos:

« Hei de guardárl fi: l do affecto nosso  
Toda a pureza angelica, descança.  
Por ti, meu puro amor, minha esperança,  
Todas as más paixões venço e destroço.

« Abroquelado em teu amor, o fino  
Aço do gladio bellico em teu pranto  
Ungido, o arnez luzente e crystalino,

«Do Mal enfiesto as legiões fataes,  
Porque só te amo a ti, mas tanto e tanto,  
Que ninguém póde amar no mundo mais!»

S. Paulo, 26 de Março—87.

EZEQUIEL FREIRE

(Da Provincia de S. Paulo.)

## A CONFISSÃO DE UM DEUS

(POEMA DE ARMAND SILVESTRE)

### I

E passava-se esta scena no Jardim das Oliveiras, na noite cheia de angustias em que o Christo fugia á visão lugubre do supplicio, a alma mergulhada na iuvencivel saudade da vida e a carne eriçada de revoltas, supportando, em sua propria grandeza, o horror do doloroso e sublime sacrificio, sentindo dentro de si a coragem da innocencia e os amargos desejos da expiação, voluntaria victima de um Deus cujas iras elle havia sondado sem comprehender sua obsinção...

Caminhava sob a folhagem, docemente agitada pelas brisas do céu, enquanto a onda dos seus rapidos dias vinha segredar-lhe na lembrança o hymno das passadas glorias e dos eternos adeuses...

Tornava a vér os pastores ajoelhados diante a estrella, os magos de alvas cabelleiras que fluctuavam na fumaça do incenso, os magos balouçando perante elle a palma adormecida dos coqueiros sobre as estradas de Jerusalem, os pescadores alienando-o a bordo de suas barcas repletas, os amigos de Lazaro proclamando-o Vencedor da Morte, e Magdalena espargindo a seus pés, com os perfumes, o delicioso halito de sua bocca.

E a morte prevista parecia-lhe mais horrivel como tambem mais necessaria, porque as vaidades da vida ameaçavam de vir agarrar-se ás suas brancas vestes, como fazem os espinheiros do caminho. Era-lhe preciso apressar o passo para não sentir sobre os hombros o peso tremendo do sacrificio.

Emquanto elle meditava, supplicando a seu desconhecido pae que o socorresse na desgraça, uma sombra tocou-o de leve, no silencio da noite, e Christo reconheceu Judas, aquelle mesmo que o devia trahir e cujas intenções elle não ignorava.

Este, dominado tambem pelo terror de seu sonho, perseguido pelos reuor-sos, e buscando a solidão por entre as arvores silenciosas, tentou fugir, mas Christo o deteve, dizendo:

### II

— Ouve-me, Judas. Por que razão queres tu entrogar-me aos carrascos? Não tenho eu sido sempre carinhoso o bom para contigo, como para todos, supportando tuas fraquezas e ensinando-te o Perdão?

— Sim; é verdade.

— Não temes o castigo eterno que te prepara a cólera celeste? Ignoras que sou Deus?

— E' ainda verdade, Senhor.

E erguendo para Jesus os olhos quo até então conservára abaixados, os olhos em que brilhava uma chamma sombria, Judas acrescentou, com voz mais firme e resoluta:

— E foi por isso que eu quiz punir-te!

Christo, aterrorisado, estenden as mãos para uma nuca de nuvem, matisada de estrellas, que apparecia sobre sua cabeça, rompendo o véo espesso da folhagem.

E como que alliviando o coração, por muito tempo cheio, vomitando a baba dos odios accumulados, Judas proseguiu, implacavel, estridente, sarcastico:

— Sim! Reconheço que és um Deus! Entre todos esses que tu julgas fiéis, e que te hão de renegar amanhã, só em ti vejo o creador unico de todas as cousas, o soberano dos destinos, aquelle que nos fez o que somos, perante quem sabe, desde o berço sangrento das idades, a inutil blasphemia dos vencidos e dos infelizes!

E foi por isso mesmo que, encontrando-te finalmente sob a forma mortal em que pôdes soffrer na alma e no corpo, eu bradei aos outros homens:

— Vingae-vos! Dilacerae seu rosto com espinhos, encravae suas mãos, rasgae suas entranhas! Procurae para elle a mais longa tortura, aquella que arranque mais lentamente os farrapos dolorosos da vida! Não ha para elle supplicio bastante...

E' Deus!

E o immortal amaldiçoado, sacudido pela raiva, rugia como uma fera, a guelha arquejante, secca e rouquenha. Christo escutava-o, silencioso, o com o seu meigo olhar cheio de piedade.

### III

Como desde muito tempo elle se tinha calado, Christo, por sua vez, fallou-lhe, com infinita doçura:

— Quero ouvir-te até o fim... Conta-me, pois, o que tens a exprobar ao Deus que eu represento.

E Judas, mais calmo, porém mais terrivel ainda pela inflexão de sua voz, começou a longa narração dos aggravos da humanidade contra Deus.

Referiu-lhe as torturas amontoadas pelas nativas contradicções do nosso ser, a tentação armando suas eternas emboscadas, as raças trazendo em si fermentações de odios que se chocam como vngas furiosas e as confundem n'um oceano de sangue, as aspirações ao Infinito que a morte desmente, os tumulos que ella fecha sobre nossas ternuras vivas, a dor das despedidas, e amor constantemente trahido, as almas satisfazendo essa sede em fontes empoenhadadas, o Imprevisto fazendo que nossas estradas se desmoronem sob nossos passos, o mysterio do nosso destino abolindo-nos o cérebro, a sacrillega Idade, desbotando a nossos olhos, a sagrada imagem da Belleza; tudo quanto torna a vida odiosa, detestavel, e nol-a impõe em virtude de

uma lei que havíamos rejeitado, aquella que inoculou em nossas veias um sangue nbrizado de desejos insacineis, que tornou nossa carne sedenta de delicias é fecunda em soffrimentos...

E enquanto elle desprendia esse immortal soluço que, desde o crepusculo do tempo, sóbe de nossa multidão miseravel para o Impossivel e o Eterno, Christo ouvia-a om silencio, a dourada cabeça curvada sobre o peito, como se algum subito remorso houvesse pesado sobre sua fronte, e tão verdadeiramente commovido em seu recolhimento quo as lagrimas se amontoavam nas bordas de suas palpebras diviaas...

E com aquelle sonho sublime de sacrificio e de martyrio a envolver-lhe sempre o pensamento, occorreu-lhe a duvida de saber o que ia expiar-se as faltas do homem, se o crime de Deus.

E o Christo entranhava-se no horror mysterioso das responsabilidades divinas e humanas, no insoudavel problema que despelha nossos projectos de encontro ás fatalidades, quando Judas, soltando uma gargalhada ironica, bradou-lhe:

— Adeus! Por mais divino que tu sejas, esforça-te ao menos por morrer como um homem!

E o infame que vendera seu amigo tinha desaparecido na sombra, enquanto Jesus, erguendo de novo os olhos para o Céu, sentia um terror ainda maior no coração, vendo que todos os astros ficavam encobertos e que só a noite se abria ás azas feridas de suas supplicas...

Trad. de ALFREDO PUJOL.

## FACTOS E NOTICIAS

Casou-se nesta córte com a Exma. Sra. D. Emilia Sauerbronn da Silva o estimado maestro Presciliano Silva. Mil venturas é o que desejamos aos noivos.

A directoria dos *Concertos Populares* participa-nos que a sua primeira matinee se realisará no dia 5 de Junho, no theatro S. Pedro de Alcantara. A orchestra será regida pelo maestro Carlos de Mesquita.

Em Casa Branca casou-se o Sr. Alcibiades Juvenal de Mendonça Uchôa com a Exma. Sra. D. Celiza Sillos de Mendonça. Mil felicidades.

Firmino Monteiro, de volta de sua viagem á Europa, fará brevemente uma exposição dos seus ultimos trabalhos. D'este pintor acha-se exposta na casa de Wilde uma excellentetela que muito agradou.

O *Club de Regatas Cajuense* realiza amanha uma regata que promete ser magnifica.

O professor P. Zavataro organisou com parte de suas discipulas, um concerto que se effectuára hoje. O programma é escolhidissimo.

COLLEGIO ABILIO

No domingo, 4º anniversario d'este importantissimo estabelecimento de educação, houve no palacete onde func-

cionn, a prain de Botafogo, uma festa esplendida e enormemente significativa.

Começou por uma bella sessão litteraria, presidida pelo Sr. Barão de Macahubas e por seu filho, Dr. Joaquim Abilio, director do collegio. Nessa sessão foram recitadas varias poesias e proferidos diversos discursos, sendo muitissimo notavel, pela elevação de vistas e do joven e sympathico director do collegio. Este discurso produziu no selectissimo auditorio uma profunda e ngradavel impressão.

O alumno Octavio Costa falou em nome do Instituto Abilio, saudando e director com entusiasmo, e terminou a oração offerecendo-lhe um bello retrato a óleo, de corpo inteiro, tamanho natural, trabalho do Sr. Teixeira da Rocha, professor do collegio.

As bandas de musica, dos collegios reunidos d'aqui e de Barbacena, tocaram varias peças, e pelos alumnos foram cantados muitos coros de bellissime effeito.

A' noite houve baile, e tudo quanto ha de mais escolhido e selecto na nossa sociedade lá compareceu, a tomar parte na ridente e gloriosa festa das crianças.

Quinta-feira realizon-se a segunda parte do programma, — *Educação Phisica* — que, por causa do mau tempo, fora transferida de domingo.

Foi outra festa, só inferior á primeira por ser mais curta.

Os alumnos nos exercicios de gymnastica, de assalto d'armas, e nas evoluções militares, deram brilhantes provas magnificas e habil ensino do collegio. Foi digno de nota o assalto do floresta em que se distinguiram dois alumnos. Mas o que produziu um effeito deslumbrante foi a marcha internacional, com o canto — *De la jeunesse ehantons les heu-reux jours* e onde os alumnos agitavam grande quantidade de bandeiras de varias nações, o que foi um espectáculo agradabilissimo e com que terminou a festa.

Agradecendo os convites que tivemos damos sinceros parabens ao Dr. Joaquim Abilio pela sua incomparavel festa e pelo progresso sempre crescente do collegio que tão proficientemente dirige.

## THEATROS

RECREIO DRAMATICO

A *Francillon* continúa a dar boas casuals á empresa d'este theatro.

Proximamente fará beneficio, e com uma peça nova, a districta actriz Helena Cavalier.

Bello espectáculo vai haver no dia 7 do mez que vem, em beneficio das actrizes Felicidade e M. Nunes.

POLYTHEAMA FLUMINENSE

Chamamos a attenção do publico para a esplendente festa que so realisa hoje neste theatro, em beneficio da intelligente actriz Amelia Bellido.

Sobem á scena o drama em 3 actos: *Como se enganam mulheres*, Macaca pelo Xisto Bahia, uma scena comica pelo Machado, *Querem ser artistas* pelos meninos Luiz e Romeu Bastos e por Mme. Aliverti será cantada a encantadora canção da *cydra* dos Sinos de *Cornetille*.

A beneficiada é merecedora da coadjuvação publica, pois desle a morte de seu esposo, o saudoso actor Mauro Bellido, que lhe legou apenas um nome estimado e nenhum recurso pecuniario tem lutado com serias adversidades.

Cremos que o nosso publico, que por varias vezes tem dado altissimas provas do seu bom coração, não deixará hoje de apreciar um excellentespectaculo e concorrer para o bem de uma actriz intelligente, em tudo digna de seu apoio.

Com certeza a sala do Polytheama reorgitará hoje de espectadores.

E' o que desejamos.

LUCINDA

O Gallo de Ouro tão cedo não deixará o

palco d'este theatro. Qu querm? O publico ainda não se cansou do vel-o, ovillo o admirar-o.

SANT'ANNA

Estráa hoje neste theatro n gráo compaulha do fantoches do Theatro Londres sob a direcção de Joan Gautier.

P. TALMA.

A VIDA ALEGRE

Esteve sorprendente, phantastico, enorrme, como diria o Ney, o baile quo o Club dos Politicos deu na quarta feira.

A sua directoria desmanchou-se em amabilidades para com todos, e Topsius, o sympatico, o elegante Topsius, secretario do Club, foi de uma gentileza para conosco.

Vivam os Politicos!

PONSARDIN.

O CONDE LEÃO TOLSTOI

TRADUÇÃO DE ALCIBIADES FURTADO

II

« Guerra e Paz » é o quadro da sociedade russa durante as grandes guerras de 1805 a 1815—Convira a denominação—romance—esta obra complicada?

Fora talvez mistor pedir aos nossos avós o verdadeiro titulo d'estas composições encyclopedicas: « Guerra e Paz » é uma somma, a somma das observações do autor sobre o spectaculo humano.

A. interminavel série de episodios, de photographias, de reflexões, que Tolstoi nos apresenta se desenrola em redor de alguns personagens ficticios; mas o verdadeiro heroe da epopéa é a Russia em sua lucta desesperada contru o estrangeiro.

E' preciso ler todas as passagens em que Tolstoi faz agirem e falarem o imperador Napoleão, o imperdor Alexandre; comprehender-se-á que logar ha no espirito russo para o nihilismo, como negação da graudeza e respeito conagrados pelo assentimento commum.

O tom do escriptor é cheio de deferencia, não se pôde mesmo dizer que elle amesquinha a magestade do poder; sômente mostrando a exposta ás pequenas exigencias da vida, elle a destrôe.

Acham-se dispersos na narração dez ou doze pequenos retratos de Napoleão, acabados com um enidado minucioso; nenhuma hostilidade, nenhum traço de carientura; sômente porque se abstrae um momento a legenda, o homem prodigioso ruo. O mais das vezes, é um detalhe de observação physica, habilmente insinuado, que parece incompativel com o sceptro e o manto imperial.

Em Tilsitt, Napoleão dá uma cruz da Legião de Honra a um grandeiro russo, designado ao acaso pelo coronel do regimento; o imperador toma esta cruz sobre a nimofada em que apresentana «com uma pequena mão branca rechonchada»—Na vespera de Borodino, elle está em sun «toilette»; Fabrier lhe dá conta dos prisioneiros feitos durante o dia, ea um criado de camera passa a esponja sobre este corpo gordo e nua. Mas com Napoleão Tolstoi toma liberdade franca; o processo é mais curioso quando elle o applica ao soberano do seu paiz. Aqui são as preoccupações infinitas, a conveniencia perfeita, e, todavia, o prestigio é segu-

ramente attingido pela desproporção entre os actos habituaes do homem e o papel formidavel que elle desempenha.

Cito um exemplo entre cem. Alexandrn está em Moscow; recebe as ovações do povo no «Kremim, em 1812, na hora solemne em que se proclama a guerra santa: «Depois do almôço do czar o mestre das ceremonias diz olhando á janella:

« — O povo espera ainda contemplar Vossa Magestade »

O imperador levantou-se, acabando de comer um biscoito, o sahiu ao balcão. O povo precipitou-se para o pateo.

— Nosso anjo! Nosso pae! Hurrah! gritava a multidão. E de novo mulberos e alguns homens mais fracos choravam de felleidade.

Do biscoito que o imperador tinha na mão um pedaço se quebrou; cahiu sobre a balaustrada e d'ahi no eolo. O homem mais proximo, um cocheiro vestido de blusa, se lançou sobre o pedaço de biscoito e o apanhou. Outros se atiraram sobre o cocheiro. Vendo, o imperador fez trizer um guarnapo cheio de biscoitos e se poz n lançal-os da varanda aobre a multidão. Os olhos de Pedro se encheram de sangue; o perigo de ser esmagado o sobre-excitava mais; precipitou-se para dentro. Não sabia porque, era preciso que apanhasse um dos biscoitos do boço do czar...

Anna Karemsia é o testamento litterario do conde Tolstoi; emprehendeu durante longos annos a composição d'este romance que apparecia em fragmentos numa revista de Moscow. A publicação da obra completa data apenas de 1877; fui testemunha da curiosidade levantada na Russia por este acontecimento intellectual. O escriptor tentava fixar neste livro n imagem da sociedade contemporanea, como havia feito na «Guerra e Paz» para sociedade de outro tempo.

Este segundo livro sobre a vida russa não tem a estatura da epopéa, o poder da ligação e complexidade de seu primogenito; ao contrarie, aproxima-se mais das nossas preferencias litterarias pela unidade do assumpto, sequencia da acção, desenvolvimento do caracter principal. O nosso publico ahi será menos desorientado, encontrará mesmo dous suiteidas e um adultero. Que o Maligne não rejubile tão cedo!

Tolstoi propoz-se a escrever o livro o mmis moral que já se fez, e conseguiu o seu fim.

O heroe abstracto d'este livro é o Dever, opposto aos desvios da paixão. O autor desenvolve parallelamente a narração duma existencia lançada fora dos quadros regulares, e a contra prova, a historia dum amor legitimo, dum lar de familia e de trabalho.

Nunca pregador oppoz com mais força á pintura do inferno a do... purgatorio.

O escriptor realista não é dos que quevem ou aubem ver o paraíso em algumas das condições huuanas.

SPORT

Apresentou-nos, no domingo passado, o benemerito Jockey-Club, para a sua primeira corrida deste anno, um programma perfeitamente organizado, constando de sete pareos, geralmente preenchidos por parelheiros de boa filiação e mais ou menos em condições de disputal-os, apezar da raia estar completamente alagada pelas chuvas da vespera e do dia chuvoso privar que houvesse grande concurrencia, á vieta de um programma tão convidativo.

Os pareos Experiencia, Animação e International, os mais importantes, tornaram-se bem interessantes e foram brilhantemente disputados, não só pelos melhores parelheiros que nelles tomaram parte, como tambem pela luta que estabeleceram em diversos pontos do trajecto da corrida.

Diversos melhoramentos foram notados não só no enclenchamento como em algumas das suas dependencias. A archibancada antiga dos socios foi destinada para o publico, ficando a outra definitivamente reservada para os socios, pela sua melhor posição. Alem destes, outros observamos, porém de pequena importancia.

Eis o resultado dos pareos: No 1º pareo (1400 metros) Druid, mon-

ta-do pelo seu proprietario o Sr. Oliveira Junior, em 79 segundos baten os seus adversarios. Becaia que partiu na frente, afrouxou ao cabo de poucos metros e foi derrotado pelo Rondello que fez boa corrida cheganlo em 2º lugar. Douro em 4º. O rateio da poule foi de 18500.

No 2º pareo (1000 metros) correram animaes todos avos e de boas filiações vencendo brillantemente em 69 segundos Ormonde. Visore em 2º e Cancanniere em 3º tendo sido a favorita. Gentleman, Indio e Fire Queen não mereceram classificação. Cambrone não correu. O rateio neste foi de 30800.

No 3º pareo (1000 metros) correram aomear Berenice e Esmeralda que em 72 segundos e em gallopo facilmente foi a vencedora. E' um dos productos mais bonitos e mais desavolvidos que têm corrido em nossos hypodromos—parabéns á condalaria Alliança. Galileu e Guard não correram. O rateio foi de 118900.

No 4º pareo (1400 metros) Daybreak apezar de muitas partidas falsas, tomou a frente e em 93 segundos venceu os seus competidores. Phenicia chegou em 2º e Siva em 3º. Remise, Africana, Gubier e Amazonas não mereceram classificação. O rateio foi de 131100.

No 5º pareo (1600 metros) Diva e Sibylla disputaram brillantemente o pareo, travando lucta ate o final da corrida, vencendo Sibylla em 111 1/2 segundos. Macarida partiu com grande atrazo, visto estar inteiramente machosa. O rateio foi de 118900.

No 6º pareo (1100 metros) correram Madama, Dr. Jenner, Walter, Charybdes, Scylla, Kissengen e Compon que tendo partido muito na frente venceu os seus competidores em 95 segundos. Scylla, que chegou em 2º, apenas perdeu por meio corpo e seria vencedora se não tivesse partido com tanto atrazo. Charybdes chegou em 3º lugar. Walter, Madama, Kissengen e Dr. Jenner não tiveram classificação.

A sahida neste pareo foi má. Peruana Le Loup e Daybreak não correram. O rateio foi de 468000.

No 7º pareo (1400 metros) foi desputado por Monitor, Galgo, Dandy e Odalisca que galhardamente, em 99 segundos venceu, os seus adversarios contra a expectativa geral e Monitor o competidor, mais forte e favorito neste pareo, chegou em 2º lugar e completamente esgotado; consta ainda não estar em condições de fazer boa corrida. Dandy em 3º Galgo em ultimo lugar e descadeirado. O rateio foi de 308700 rs.

A's 5 3/4 terminaram as corridas na melhor ordem e com bastante regularidade.

DEADY-CLUB

Realisou no dia 19 do corrente a 2ª corrida deste anno. A concurrencia foi regular e os pareos foram bem disputados. O programma compoz-se de oito pareos e tornou-se um pouco fraco pelo escasso numero de parelheiros.

O pareo — Rio de Janeiro, não teve logar pelo forqat da Phrynia.

Eis o resultado dos pareos:—

No 1º pareo—(1600 metros) Charybdes com immensa facilidade venceu es seus competidores em 115 segundos, (mais tempo) Peruana chegou em 2º lugar e manea. Dr. Jenner distanciado.— O rateio foi de 118200.

No 2º pareo (1000 metros) Esmeralda em 69 segundos e facilmente venceu Berenice que chegou em 2º e Corcorado em 3º. Guatá não correu. O rateio foi de 128000.

No 3º pareo (1450 metros) Phenicia em 100 segundos fez boa corrida vencendo Pancy que chegou em 2º. Amazonas em 3º e Castiglione em 4º. Remise não correu. O rateio foi de 148900.

No 4º pareo (1450 metros) Argentino fez uma brillante corrida, vencendo inasperadamente em 103 segundos a Odalisca, que fez pessima corrida, chegando em 3º lugar e completamente frouxa. Rondello chegou em 2º e Plutus na bagagem. Blair-Stihold não correu. O rateio foi de 712500.

No 5º pareo (1600 metros) Talisma em 117 segundos (mais tempo) tomou a frente e venceu os seus adversarios. Diva que apenas perdeu de Talisma por cabeça, teve o 2º lugar. Boreas parcou nos ter sido soffreado e fazer triste figura, chegado em 3º lugar. Regina em 4º lugar. O rateio foi de 36800.

O 6º pareo 1.750 metros) não se realisou por ter declara o forqat Phrynia.

Estavam inscriptos: Sibiriac, Sitan e Phrynia.

No 7º pareo (1.600 metros) Intima apezar de ter sahido na retagnada de Dead passou, vencendo-o facilmente em 113 1/2 segundos. Druid, que chegou em segundo e montado pelo seu proprietario, perdeu pela impericia do mesmo. Paulina em 3º. Becaia e Visore não correram. O rateio foi de 28000.

No 8º pareo (1.100 metros) foi vencedor em 100 segundos Chapin. Em 2º lugar Baccarat II. e em 3º Marengo. Tambem correram Zephyro, Jenny, Caporal, Albe, Monjejo, Pradoria e Ondina que chegou em 4º. Lancaster não correu. O rateio foi de 338700.

A's 5 1/2 horas terminaram as corridas com bom resultado e boa ordem.

A distincta sociedade Prado Villa Isabel realisou amanhã a sua corrida que foi transferida, pelas grandes chuvas que houve no domingo ntrazado o que ntagravam a raia.

Des-jamamos feliz exito na execução do programma, que é digno de toda a attenção.

L. M. BASTOS.

CORREIO

— Sr. T. de T. Foi bastante a leitura de seu nome para me fazer franzir o nariz. Dous tt em um só individuo, e neste tempo em que so não amarram mais cães com linguças, já não é pouca coisa, creia. Dizem que olles eram 14 e que morreram 16. Qual carapuças! Morreram 12, isto sim; e a ficou vossa mercê que vally por dous. Se assim não fosse não teria coragem de nos mandar uns versos ruins como todos os diabos. Suas poesias Intima e No templo não são coisas que se mostrem.

— Sr. Inah Bert. Que nos traz o aenhor? Um acrostico? Isto já é coisa que não nos cheira muito bem. Emfim, vejamos se elle ao menos vem decente. Que esperança! Começa logo manquejando. Falou-lhe um prego na ferradura e por isso não pôde correr mundo. Desta vez a ana Clementina não vé acrostico, não; mas Deus é grande!

— Sr. Ascanio. Não imagina quanto eu deploro a sua anada. O Sr. é um cruel, á um Verd'Hugo! E' preciso não ter entranhas para impingir a uma pobre menina indefesa uma peste de versos como os que o Sr. nos mandou. Coitadinha! Em compensação ha de vir a ter um dia o reino dos céos!

— Sr. Dr. E.F. M. Trate de pentear macacos, que ha de tirar mais resultados do que metter bombas em rima e em fazer cartas do descompostura.— O Sr. que não sabe tor compoatura no verso.

— Sr. C. P. O seu Estimulo não sae da herlinda porque tem uns versinhos errados.

Não tem desculpa hoje o verso maneco. Paciencia, meu caro!

— Sr. A. R. Os seus versos não podem ser publicados porque... estão cahindo de maduros. E' tocar-se-lhe na pelle e é saltar de dentro d'elles cada um murcão, cada um ditcho... de metter medo!

Diz o poeta no começo:

« Na infancia q'rida afagava a creença, De aniares-me sempre com transporte lonco »

O poeta está enganado; não é o transporte que é louco, mas sim o metro d'estes dons versos.

Aquelle d'creença é divino! Prosigamos; os dous versos que segem e que completam a estrophe deviam ser enviados á secção Tratos d'boia, mas com o conceito por baixo, que devia ser este: versos de descóco:

« Sonhava ás vezes que a sorrir-me via-4e Linda, tão liada como tanto ha pouco. »

Geetei!

— Sr. L. de A. Eis e titulo de sua poesia: Quero viver, e lá nisto faz muito hem! Quem é que não o quer? Os seus versos não são máus. Não abusasse

tanto das rimas em do, o a sua poesia seria mesmo *gallinha*!

E que estirado que ella é! 12 estrophen! Aí! meu amigo, isto é muito tripa. Em todo o caso vou dar aqui mesmo parte do sua poesia, visto a Collaboração estar, como já disse algures, transbordante.

#### QUERO VIVER

Distante dos festins, das grand's gallas,  
E das falas do amor falso, vão,  
Das matas quero o seio por guardado,  
Quero isolada vida, solidão!

Quero viver tranquillo na floresta,  
Dormir a sesta a sombra da mangueira,  
Sonhar com Deus, o céu, o mar,  
Ouvindo o resoar da cachoeira.

Oh! sim quero o prazer do vida santa,  
Onde descansa o terno passarinho,  
E quero perto ouvir o seu gorgeio  
De encanto cheio e cheio de carinho.

Quero ter a montanha por encosto,  
Embora exposto aos dentes de um chacal...  
Minha morte as cachoeiras chorarão  
E as oves-cantarão no funeral!

L. DE A.

Contente-se com isto e lamba o beijo.

ENRICO.

### TRATOS Á BOLA

Metteram o dente nas *traticos* ultimas  
os conhecidos e estimados *topetudos*:  
*Pépe*, *Josephina* B. e *Valerius* *Madilena*.  
Pertence a *Pépe* o premio. E' vir  
busca-lo.

Eis as decifrações: *Logographo*, *Saram-  
pão*, *Poesia*, *Vicio*, *Papagaio*, *Callote*.

Para hoje vão as seguintes *traticos* que  
são de uma facilidade...

Atenção!

LOGOGRAFO (por letras)

Dá-te vida o estatuario—1, 9, 7, 1, 12, 8, 11.  
Negro habitante das trevas—3, 2, 1, 12, 10, 4, 12.  
A ti, que inconstante e vario—1, 9, 7.  
Com teu tanto nos enlevas—5, 6, 10, 12, 8.  
Trazes um manio estrelado—10, 12, 4, 5, 2.  
De um brilho que cança os olhos—3, 4, 9, 1, 9, 10,  
5, 2.  
Se és ao doente ministrado—7, 11, 1, 6, 3, 4, 12.  
Findas da vida os ecolhos—1, 12, 7, 5, 2.

Conceito

Este todo a Grecia e a Franca,  
Bem como a Sardenha banha;  
De Malta á Italia se lança,  
Passa entre a Africa e a Hespanha.

Alexandrina Bellora.

ENIGMA ROMANO

100

101

11

A

252—Um anjo!

Oidivo.

2—Põe certa letra no fim desta cór  
que irá pelos ares.

DECAPIADA

Elle é isto; —mas a ave é de... —  
deste sujito — que se contrae. —

PERGUNTA

O que é que este medico brasileiro  
faz de indecente?

E, até ás uvas, devotos e devotas.

FREI ANTONIO.

## PORTUGAL

Lourenço Marques de Almeida, proprietário da Agencia Commercial Portugueza, annuncia aos cheotes desta casa no Imperio do Brazil que, tencionando ir a Portugal no mez de Maio corrente, se encarrga de pessoalmente tratar naquella paiz de qualquer negocio de que o queirão incumbir, como: comprar ou vender qu'esquer generos, bens de raiz ou papeis de credito: entregar ou receber valores em moeda ou papeis: pagar ou receber dividas; intertar açoes civis ou commerciaes; promover habilitações de herdeiros e mandar fazer pesquisas sobre quaesquer heranças; levantar quantias depositadas em bancos ou quaesquer repartições publicas; legalisar documentos; contratar colonos ou industriaes; fuzar admittir educandos ou estudantes de matricula em qu'esquer collegios ou academias de Portugal e prover o pagamento de mezas e demais dispendios; e, finalmente, todos os demais encargos de que esta casa se occupa, quer do Brazil para Portugal, quer de Portugal para o Brazil.

A commissão a cobrar pela execução de qualquer encargo será moderada e sempre proporcional á importancia e difficuldade do encargo.

N. B.—Para compra de generos ou quaesquer objectos, para pesquisas ou principio de liquidações de heranças, cuja sequencia seja duvidosa, ou para quaesquer outros encargos, cujo dispendio não possa por outra forma ser garantido, terão necessariamente os committentes de depositar uma quantia ou prestar fiança.

40 RUA DO CARMO 40

1º ANDAR

AVISO

Lourenço Marques de Almeida, tendo determinado seguir viajem para Portugal a bordo do paquete francez *Senegal*, avisa ás pessoas que lhe têm committido encargos, para a boa execução dos quaes ficaram ainda de entregar-lhe alguns documentos que faltam, se previnam para que esses documentos lhe sejam entregues o mais tarde até o dia 28; e ás pessoas que ainda hajam de encarregar-o de qualquer commissão, prvine que só até o dia 28 inclusive acceptará novos encargos.

Outrosim declara o annunciante aos seus estimaveis amigos e freguezes que durante a sua curta ausencia deste Imperio, continuará a—Agencia Commercial Portugueza—sob a gerencia de sua mulher D. Maria Georgina Fonseca de Almeida, a occupar-se de todos os mesmos encargos de commissões, consignações e negocios de conta propria, como até aqui, para o que fica sua mulher competentemente habilitada por uma procuração lavrada no cartorio do tabelião Ramos.

### ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sa, especia lista de syphilis e moléstias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 32 (consultas de 11/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 94.

A Chappellaria Inglesa—Esta importante estabelecimento, o primeiro neste genero na capital do Imperio, participa aos seus freguezes a ao publico que retirou da alfandega as ultimas novidades em superiores chapões inglezes. Rua do Ouvidor, 120.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Moléstias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, de meio-dia ás 2 horas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continuá a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Construtores de maquinas eapparehos para lavoura—Schubert Irmãos, Hnas & C.—Juiz de Fora.

Hotel das Famílias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio»—Redacção: Dr. FORTUNATO MOREIRA e L. DE TOLEDO—Gerencia: WENCESLAU ROSA—CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho—Medico parisiense; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

Julio Cozar Tavares Paes encarrega-se de liquidações antigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Dorby, no rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se ds defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino ds Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade no Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa da Sapucaia.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

### COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECCAO TOR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual-quer hora. Estatutos nas principais livrarias.

## EMULSÃO

DE

### SCOTT

DE OLEO PURO DE

### FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulus, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

### FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

### CAMPOS

### GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

### RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Receben encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

## PRADO VILLA-ISABEL

DOMINGO 22 DO CORRENTE

## GRANDES CORRIDAS

AO MEIO-DIA EM PONTO

Pedo-se aos Srs. proprietarios dos animaes inscriptos no 1º parre para tel-os no ensilhamento as 11 horas precisas.

O 2 secretario, RAUL DE CARVALHO.

Typ. nº4 Semana, rua do Carmo n. 26, sobrado